

projeto humanas

## 05. IMAGINANDO FORMATOS E USOS

### **Introdução**

Oi, eu sou o Raphael Concli e esse é o último episódio do Projeto Humanas. Talvez o fim de uma primeira temporada dele. Isso eu ainda não consigo dizer.

Mas eu queria começar esse final voltando pra uma questão bem básica.

Uma das principais perguntas que a gente pode fazer quando pensa em criar um podcast é justamente: por que isso precisa ser um podcast?

Isso ajuda a gente a pensar em como o áudio vai servir pra gente dizer aquilo que quer. Daí é preciso encontrar qual o formato de programa que pode servir melhor pra isso.

Pra fazer esse trabalho aqui por exemplo, eu achei que valeria a pena ele ser em podcast pra tentar por em prática algumas das coisas que eu estou falando aqui mesmo.

Claro que, sendo um trabalho sobre análise de podcasts, fica muito mais fácil tocar aqui os exemplos dos quais eu estou falando. Mas eu também quis explorar esse uso da voz e da abertura pra um texto mais informal que ela dá.

De qualquer modo, trabalhar com esse formato aqui ajudou a refletir sobre como a palavra falada ganha um sentido próprio. Realizando a locução e edição, foi ficando mais claro a capacidade de impor um ritmo ao que foi escrito. Talvez não seja o melhor ritmo, talvez seja por vezes lento, ou digressivo, ou faça paradas demais. Nem sempre o guia é quem melhor mostra a cidade.

Mas esse processo todo me ajudou também a perceber mais possibilidades com podcasts. De como fazer e de como usar eles. É disso que eu queria falar aqui.

Então, deixa eu aproveitar e contar uma história.

## **Imaginando um podcast**

Um dia eu estava pesquisando pra preparação do episódio sobre educação de um podcast de políticas públicas. Um dos materiais que eu li foi um artigo de uma das participantes do episódio, sobre como o novo ensino médio vem sendo recebido por professores e diretores de escolas no Espírito Santo.<sup>1</sup>

O texto faz um balanço de como vem acontecendo a implantação da reforma no estado. Para isso, as autoras falam do papel de instituições como a Secretaria de educação, recuperam leis e documentos que sustentaram esse processo e tomam depoimentos de diretores e professores.

As falas dessas pessoas são reveladoras de como, desde a pandemia, elas tiveram que contar mais do que tudo com a própria inventividade para lidar com a falta de estrutura das escolas pra se adaptar às novas diretrizes. São histórias de indivíduos se virando pra tentar dar conta do que a lei demanda, mas não oferece condições pra cumprir.

---

<sup>1</sup> FERREIRA, Eliza; CYPRIANO, Alessandra. O Novo Ensino Médio no Espírito Santo: os desafios de diretores/as escolares. Retratos da Escola, v.16, n.35, mai./ago 2022. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1471/1116>

Aí tem um detalhe curioso.

No texto, justamente essas falas estão formatadas de uma maneira pouco amigável pra leitura. Uma fonte pequena, espaçamento mínimo entre linhas, tudo em itálico. Ao mesmo tempo, elas foram transcritas de maneira próxima da oralidade, com as hesitações e reticências de quando a gente está numa conversa.

Parecia que as pesquisadoras queriam preservar aqueles depoimentos da maneira mais próxima possível do que ouviram. Só que a mídia texto acabou contribuindo pra tornar esses momentos menos... visíveis.

Essa situação me fez pensar: nossa, isso aqui daria um podcast.

Longe de mim querer virar aqueles personagens da tirinha do Paulo Moreira, de que eu falei lá no primeiro episódio, e querer transformar qualquer coisa em podcast. Mas é que nesse caso, o áudio seria uma ferramenta muito útil pra gente conhecer essas histórias.

Ouvir as narrativas dessas diretoras e gestoras na voz delas poderia dar uma dimensão ainda maior de como elas se sentem com as mudanças que estão vivendo.

Claro que um podcast não teria que seguir o caminho do artigo. Ele poderia partir da história de uma das professoras ou diretoras e da escola onde trabalha, abordar como essas pessoas ou uma das escolas vivencia a implementação da reforma. E o próprio artigo dá também mais do que um tema ou um cenário: ele conta dessa contradição que é professores e diretores virarem “heróis” da precariedade. É isso que moveria a história.

No texto, isso aparece só de passagem, mas é aí que o podcast surge como um aliado do trabalho acadêmico. Nele, se poderia aprofundar esse aspecto contando mais de dentro as histórias que o artigo documenta.

Relações assim, de *complementaridade*, podem frutificar novas produções de divulgação científica que se interessem por usar podcasts.

Nesse caso aqui, eu imagino o modelo narrativo. Mas outros são possíveis, depende da sua imaginação sonora.

\* \* \*

Então aqui nesse último episódio, eu vou tentar uma coisa que podcasts não são o melhor meio pra se fazer: listas.

Eu vou listar alguns outros modelos de podcasts que pode servir de inspiração pra gente imaginar novos formatos ou novos usos de formatos conhecidos. Cada um desses casos merecia uma análise própria, mais longa, mas aqui vai ser só um sobrevoos mesmo.

E eu também vou falar de outras formas de se usar podcasts pensando em divulgação científica que não seja fazer podcasts.

Até porque, pra fazer podcasts é preciso conhecer eles. Então nada melhor do que destrinchar bons podcasts que a gente conhece, seja prestando atenção em como eles usam questões e conceitos científicos ou em quais elementos sonoros constroem essas produções.

Então, bem-vindas e bem-vindos a mais um episódio do Projeto Humanas.

## **Entrevista narrativa**

Podcast narrativo não precisa sempre seguir aquele arco que conta uma história.<sup>2</sup> Como a gente viu, é preciso algum problema ou personagem que se desenvolva, e

---

<sup>2</sup> Karen Given fornece alguns apontamentos úteis para a confecção de entrevistas narrativas, embora ela não elabore sobre o tema de como mobilizar o formato para se falar de ciências.  
<https://narrativebeat.com/narrative-style-interview>

nesse caminho alguma pedra costuma aparecer. Só que nem sempre a gente tem isso à mão.

Então o formato narrativo pode ser adaptado. E esse arco que conta uma história pode ficar um pouco de lado. Uma forma de fazer isso é no modelo de entrevista narrativa.

Vamos pensar aqui no caso de uma entrevista com algum pesquisador de alguma área de ciências humanas falando sobre um trabalho recente.

Isso dá uma base de onde a história a ser contada vai partir. É nessa hora que aquela ferramenta de tradução da linguagem acadêmica entra em ação. Como apresentar a questão que o trabalho aborda pro ouvinte? E como o pesquisador pode te ajudar a contar essa história?

A ideia aqui é que um narrador roteirize o episódio a partir da entrevista e construa a história que quer contar na sua própria voz.

Quem narra vai desenvolvendo a história e inserindo os trechos da entrevista à medida que seja necessário colocar algo na voz do pesquisador. O que aquela pessoa diz que precisa ser ouvido na voz dela? E, mais importante, o que não precisa?

Muito de uma entrevista narrativa se faz a partir do que você decidir excluir. Parte do que o pesquisador diz pode não ser necessário para o que se quer contar; e daquilo que realmente interessa, muito pode ser incorporado na voz de quem narra. Talvez a melhor imagem pro papel da narração aqui seja a de um filtro.

É possível usar esse formato pra apresentar temas ou discussões mais amplas também. Esse modelo é usado em alguns episódios do Oxigênio, por exemplo. Esse é um podcast de jornalismo e divulgação científica realizado por alunos do LabJor, o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp.

Os episódios abordam temas das mais diferentes áreas. Aqui eu tomo como exemplo um episódio temático de 2023 que discute os significados e disputas sobre a noção de antropoceno. Só que esse episódio começa assim:

***Oxigênio | #166 - Antropoceno: quando a humanidade é assunto da geologia***

***Yama Chiodi:*** *Mudanças do clima sempre ocorreram, inclusive mudanças extremas. O que há nas mudanças climáticas do nosso tempo que as torna diferente de todas as outras?*

***Luiz Henrique Leal:*** *A resposta está na ponta da língua de muitos cientistas: a intensidade e a velocidade dessas mudanças. E tudo parece indicar que toda essa intensidade está relacionada com a presença humana na Terra.*

***Yama:*** *Eu sou o Yama Chiodi, jornalista de ciência do GEICT.*

***Luiz:*** *Eu sou o Luiz Henrique Leal e hoje falamos de Antropoceno.*

Os apresentadores partem de uma questão acessível que dá contexto pro conceito de que eles vão tratar. De maneira geral, o termo “antropoceno” se popularizou pra falar que a gente estaria vivendo hoje uma era do desenvolvimento do planeta - e das mudanças climáticas - que é definida pelas transformações que os humanos causaram na Terra.

Ao longo do episódio o Yama Chiodi e o Luiz Henrique Leal trazem a história do conceito de antropoceno e a conexão dele com os estudos das mudanças climáticas, abordando também as controvérsias que cercam a noção de antropoceno.

***Oxigênio | #166 - Antropoceno: quando a humanidade é assunto da geologia***

*Luiz: O conceito de Antropoceno interessa tanto a cientistas naturais como a cientistas sociais. Sua popularidade crescente é sinal de sua capacidade de capturar a atenção de parte da cultura popular e da opinião pública.*

*Entre cientistas de todos os campos, contudo, o termo ainda é bastante controverso.*

*Mas, você pode estar se perguntando, se não restam dúvidas que as mudanças climáticas são resultado das atividades humanas, por que o termo seria controverso? Essa é uma das perguntas que tentamos responder com a ajuda de especialistas que pesquisam as mudanças climáticas.*

Pra isso, eles conversam com quatro pesquisadores: uma oceanógrafa, uma bióloga, uma socióloga e um cientista social. E essas vozes são articuladas em meio à história do conceito e dos problemas dele, que o Yama e o Leal contam - e não através de um formato em que aparece só a pergunta é a resposta // de pergunta e resposta direta pra esse pesquisadores. Ouve só como isso funciona:

SON - Oxigênio - articulação de vozes - Susana Dias

15:37 - Luiz: Cada resposta para a origem dessa época geológica parece mudar a resposta sobre de qual humano se está falando e essa discussão importa muito para se discutir desigualdade e justiça no contexto de mudanças climáticas.

Yama: Eu conversei com a Susana Dias sobre as controvérsias em torno do conceito. Ela é bióloga, mas está habituada a trabalhar na difícil interdisciplinaridade das mudanças climáticas.

Susana Dias: Não é um conceito que está estabilizado, e talvez isso seja interessante. Não estar estabilizado.

Esse episódio do Oxigênio aproxima a gente de um conceito e as controvérsias ao redor dele, mas a entrevista narrativa pode ser usada também pra abordar trabalhos mais específicos.

O ponto de partida é aquele mesmo, encontrar uma questão compreensível, com que as pessoas possam se relacionar, talvez algo que elas mesmo poderiam se perguntar, só não tiveram a ideia ainda.

Daí vale considerar: quando a gente encontrar a resposta, aquilo que a pesquisa descobriu, o que afinal isso faz a gente perceber sobre o mundo? Esse vai ser o ponto de chegada.

Entre esses dois pontos tem o caminho pra descoberta, ou seja, o que o autor fez pra perseguir aquela pergunta? Ele chegou onde queria?

Claro, é difícil assumir essa voz se a gente não tem um mínimo de domínio sobre o tema, ou pelo menos um treino e repertório pra lidar com a área de pesquisa da qual a gente está falando. Afinal, a construção da entrevista narrativa é também uma reconstrução - e isso demanda muito trabalho, não só pra saber como contar a história preservando o rigor, mas considerando também quais elementos sonoros podem entrar no jogo.

Esse é um jogo de confiança em que o pesquisador precisa aceitar sacrifícios e quem narra precisa escolher de forma atenta o caminho que conduz a história.

## **Buscando histórias pra contar: Lolita Podcast**

Seja qual for o modelo escolhido pra se fazer um podcast, eu sigo pensando naquilo que o Tiago Rogero, o idealizador e coordenador do Projeto Querino, disse sobre o trabalho que ele conduziu: o Querino é um projeto jornalístico com rigor historiográfico. É assim que eu imagino que pode ser descrita a melhor colaboração entre acadêmicos e jornalistas.



E eu acho que isso pode ser expandido pra qualquer área.

Quantos projetos jornalísticos com rigor literário, sociológico, antropológico, filosófico não podem surgir? E aqui eu estou pensando em reportagens investigativas sobre temas e questões das ciências humanas.

O Lolita Podcast é um exemplo de como isso pode acontecer.

### ***Lolita Podcast | 1: Dolores, Not Lolita***

***Jamie Loftus:*** *And everyone loves it, no notes, the end. Just kidding, this is Lolita Podcast.*

Esse podcast parte do livro famoso do Vladimir Nabokov pra investigar o significado cultural que essa obra alcançou. Na verdade, mais do que a obra, especialmente o significado que a Dolores Haze alcançou, a personagem do livro que ganha do narrador o apelido de Lolita.

Em 10 episódios, a escritora Jamie Loftus mergulha na obra e nesse personagem pra entender como ela ganhou um lugar no nosso imaginário cultural. Lolita virou um adjetivo, um arquétipo, algo que está pra além do livro, cuja história foi recontada em tantas outras mídias.

### ***Lolita Podcast | 1: Dolores, Not Lolita***

***Jaime:*** *But I have been consistently surprised in conversations at how much of the general opinion to this book has very little to do with the book itself.*

Mas, como a Loftus diz aí, ela se surpreendeu em como muito do que se diz sobre esse livro tem bem pouco a ver com o livro em si.

Então ela começa essa investigação a partir da própria obra, usando uma estratégia de leitura que ajuda ela a atravessar a linguagem floreada do protagonista e encarar os eventos centrais contados ali: ela toma “Lolita” como o documento de um criminoso ou uma obra de true crime,

## ***Lolita Podcast | 1: Dolores, Not Lolita***

*Jaime: Something that has really helped me in getting to the heart of the events in this book and to see around all the flowery beautiful language is to think of it as a true crime book and view Lolita as what it is presented to us: as a document of a criminal.*

*So that's the tack I'm gonna take here. And you know, I would also recommend reading the book, but books are famously very long.*

O primeiro episódio analisa então como a personagem aparece no livro e quão transparente é ali a relação abusiva do narrador com ela, e o caráter pedófilo dele.

Depois desse mergulho no texto original, ela parte no episódio seguinte pra entender o lugar dessa obra, Lolita, na produção do Nabokov.

E aí o podcast vai aos poucos se aproximando dos outros mundos de Lolita.

Como é que essa personagem foi retratada nos vários filmes baseados no livro? Quem foram as mulheres que interpretaram a Dolores nesses filmes? Como Lolita virou uma ideia e como são as comunidades online de fãs da personagem?

Essas são questões que guiam essa série. Esse olhar documental sobre a história de uma personagem ou de uma ideia me parece um modelo que pode ser pensado pra outras áreas além da literatura. Como alguma ideia ou conceito se torna icônica e passa a ser apropriada e ressignificada pelo público? Como uma determinada obra marca a vida de seus autores e quais controvérsias ela produziu - seja na sua época ou que ressoam até hoje?

Perguntas assim acabam ficando distantes de um modo de estudo que fica muito próximo só dos textos produzidos pelos próprios autores e que se atém a reconstruir a estrutura deles.

Lançar esse olhar pra história das ideias e de quem as produz, de como elas circularam e foram recebidas é uma maneira de entender o desenvolvimento de um saber na história - ou de entender os contextos sociais e históricos em que as ideias surgem. É esse me parece um caminho de investigação própria que podcasts narrativos em humanas podem também trilhar.

## **Uma só voz**

### *The Memory Palace*

Quando a gente para pra notar a complexidade dos podcasts narrativos, dá pra perceber como elas demandam um trabalho maior de produção. Seja na elaboração do roteiro, na escolha por trilhas, na edição...

Isso demanda gente, tempo, investimento em equipamento. Mas alguns modelos de podcast conseguem aproveitar o formato com pouquíssimos elementos sonoros e poucas vozes. Às vezes uma só.

É o caso de produções como o Palácio da Memória, do Nate DiMeo.

A proposta desse podcast é tão simples quanto exigente: contar, em episódios curtos, de 10 a 15 minutos, histórias de eventos, lugares e pessoas da vida cotidiana da história americana.

Como a do bar White Horse,

### ***Memory Palace | A White Horse***

*The White Horse Inn, on Telegraph, in Oakland opened in 1933 - or thereabouts.*

*It doesn't really matter when the White Horse opened its doors. Just that it was soon enough.*

um bar da comunidade gay de Oakland, que talvez desde 1933, sempre esteve aberto a quem precisasse dele.

Ou de como foi o dia 16 de julho de 1969 na região do condado de Brevard, na Florida,

### *The Memory Palace | Craning*

*With a million people here, or nearly here*

Que naquela quarta-feira reunia um milhão de pessoas que tentavam ver a partida do foguete Apolo 11, que deixaria homens na lua pela primeira vez.

Muitas sem conseguir chegar ao lançamento.

### *The Memory Palace | Craning*

*Disappointed that they weren't going to see Apolo 11 take off in person*

O texto do Palácio da Memória lembra uma crônica.<sup>3</sup> Como um olhar pessoal de um viajante do tempo que passou por esses eventos, lugares e pessoas. Mas não se engane pela simplicidade do formato. Existe um trabalho de pesquisa e reconstrução histórica a partir de fontes variadas, mas que se torna um texto breve, bem condensado, que traz só a voz do DiMeo e uma trilha sonora discreta de fundo.

Essa proposta de apreender esses episódios da história foi levada também pro Museu Metropolitan, de Nova York, onde o Nate diMeo ficou como artista residente entre 2016 e 2017.<sup>4</sup> Lá foram feitos alguns episódios especiais do Palácio da Memória em que o Nate investiga os objetos do próprio museu - que história eles podem contar sobre si mesmos e sobre o fato de estarem ali, no Met.

---

<sup>3</sup> No Brasil ocorreu uma experiência inédita com este podcasts. É o único lugar do mundo onde esse episódios do “Palácio da Memória” foram traduzidos e publicados em livro em 2017, pela editora Todavia. O tradutor, Caetano Galindo, fez a tradução a partir da escuta do áudio original e não do texto

<sup>4</sup> <https://www.metmuseum.org/events/programs/met-live-arts/memory-palace>

Pode ser a história de duas pequenas esculturas de mármore representando indígenas americanos e quem foi a pessoa que as esculpiu

Ou do que acontecia no salão de baile de uma hospedaria da Virgínia onde o George Washington comemorou alguns aniversários.

Esses especiais foram feitos pra serem ouvidos no próprio Metropolitan, mas podem ser conferidos no site do museu também. Longe de serem simplesmente uma explicação do que as obras são, os episódios contam da vida delas e consideram a experiência de quem está no museu.

Chegar a um texto denso e elegante como o do Nate DiMeo é um desafio. Ainda mais considerando que é algo pra ser ouvido.

O Palácio da Memória oferece uma forma de olhar pra história: a busca por eventos, lugares ou pessoas à margem dos grandes eventos históricos mas que digam algo sobre o mundo. O Bar White Horse diz algo sobre a luta permanente de pessoas homossexuais por um lugar seguro onde elas possam ser quem são; todos que cercavam no condado de Brevard o foguete que foi a lua dizem algo sobre o significado da corrida espacial.

Essa produção oferece um modelo de texto breve, com sustentação em fontes e que funciona bem em áudio. E que pode ser também readaptado pra contextos e disciplinas diferentes.

### *Trojan War*

Existem outras produções em que uma só voz reconstrói eventos históricos. Uma dessas vai na direção oposta ao Palácio da Memória - ao invés de contar eventos e situações marginais, o podcast Trojan War - ou “A Guerra de Troia”, reconta todo esse evento histórico em 20 episódios de cerca de uma hora.

O Jeff Wright, criador do programa, não lê uma tradução de alguma obra épica, como a Ilíada do Homero. Ele mesmo conta os eventos que levaram até a guerra de Tróia construindo um texto próprio a partir de toda a diversidade bibliográfica que permite a gente acessar aquele evento. Cada episódio é autossuficiente, contando um pedaço da história que se encerra em si mesmo.

### ***Trojan War | The Trojan Horse***

*You're listening to The Trojan War Podcast. History's most awesome epic*

E o Jeff divide os episódios em duas partes: a primeira é a contação da história mesmo - que o Jeff faz de forma bem descontraída, sempre com algum evento ou personagem central que organiza o que é contado, como a maçã da discórdia ou a própria queda de Tróia.

### ***Trojan War | The Trojan Horse***

*The walls of Troy could be destroyed, the prophecy should have said. Just not by an enemy force.*

Já a segunda parte é uma espécie de momento reflexivo. comentando algum tema que tenha a ver com o que aquele episódio contou.

Pode ser uma reflexão sobre uma ideia específica, como o significado e o papel da noção de destino na vida dos personagens dos textos épicos gregos. Ou uma discussão sobre controvérsias históricas, do tipo: “afinal, existiu mesmo um cavalo de troia”?

### ***Trojan War | The Trojan Horse***

*...and what the Trojan Horse was then was actually a huge wooden battering ram. And somehow that battering ram managed to batter or breach a gap inside of Troy's walls.*

Uma das hipóteses considera, como o Jeff contou que o cavalo era na verdade só um aríete, aqueles troncos gigantes que o pessoal usa pra abrir portas pesadas.

Aqui também, esse é um formato que pode ser adaptado pra outras circunstâncias históricas ou mesmo obras. Como contar oralmente uma obra adaptando a linguagem dela?

Esse pode ser inclusive um exercício didático de paráfrase dos textos originais de autores clássicos a ser aplicado em sala de aula.

Imagina alguém que se coloque como um observador de um diálogo do Platão e que resolva contar a conversa engraçada que ouviu de um tal Górgias com o senhor Sócrates sobre a arte da retórica?

\* \* \*

## **Mundo na sala de aula**

Aliás, falando em sala de aula, eu queria falar de um último exemplo, que volta pro modelo de entrevista tradicional.

É a série "mundo na sala de aula",<sup>5</sup> do podcast Mundaréu. O Mundaréu é um podcast de antropologia feito em parceria pela Universidade Estadual de Campinas e a Universidade de Brasília. Eu falei um pouco dele no primeiro episódio.

Essa série especial coloca alunas e alunos de graduação pra compartilharem experiências sobre o processo de formação.

Em cada episódio, alunos entrevistam outros alunos sobre um tema, como as razões pra se ter escolhido cursar ciências sociais; como é começar uma pesquisa; ou como são as experiências de estágio em escolas de quem está cursando licenciatura.

---

<sup>5</sup> <https://mundareu.labor.unicamp.br/series/mundo-na-sala-da-aula/>  
<https://mundareu.labor.unicamp.br/22-mundo-na-sala-de-aula-pibid-comunidades-de-aprendizagem/>

### ***Mundo na sala de aula | #22 - PIBID: Comunidades de aprendizagem***

***Laísa:*** *A gente trabalhava muito com a categoria de “comunidade de aprendizagem”. E a Bel Hooks fala muito ao longo... falando dela mesmo, da sua biografia, ela tem muitos contatos com os professores que ela não queria ser.*

Aqui nesse trecho, a Laísa, uma estudante de ciências sociais da Universidade de Brasília, conta da sua experiência no PIBID, o programa de bolsas de iniciação à docência. Essa iniciativa promove estágios de estudantes de licenciatura em escolas da rede pública.

### ***Mundo na sala de aula | #22 - PIBID: Comunidades de aprendizagem***

***Laísa:*** *E acho que dentro do PIBID eu tive contato com os professores eu quero vir a ser e eu acho que a Bibiana é esse exemplo assim, ela é uma professora extremamente progressista, que eu vejo que tem uma preocupação em formar dentro de sala de aula né uma prática mais amorosa, ela é uma professora extremamente empática.*

Esse é um dos episódios da terceira temporada, publicada em 2022.

Mesmo sendo um formato tradicional, essa proposta traz experiências que ficam de fora dos registros da produção acadêmica - esses momentos de escolhas e descobertas, de desvendar o que é se tornar um cientista social.

É uma forma de colocar em discussão processos que muitos graduandos atravessam com dúvidas e dificuldades - quando não em silêncio.

Além disso, o podcast aproxima estudantes dos aspectos técnicos da criação de um podcast, como gravação, edição, realização de entrevistas e roteirização.



Quando eu analisei o papel das vozes nos podcasts narrativos eu comentei sobre como contar o caminho pra se fazer uma pesquisa ajuda a desmistificar o fazer ciência. Da mesma forma, ouvir dos pesquisadores como eles chegaram aos problemas que orientam suas pesquisas também contribui pra que a gente veja eles como sujeitos.

Acho que isso que o “mundo na sala de aula” faz é um pouco parecido: falar sobre o próprio processo de formação pode ajudar a desmistificar a Universidade. E ele faz isso aproveitando um potencial que os podcasts têm independente do formato: a capacidade de dar voz. Aqui, são os alunos, e as experiências deles que merecem registro.

## **Podcasts como objeto de estudo**

### *Engenharia reversa*

Certo, a gente viu aqui uma série de modelos diferentes de podcasts: narrativo, mesa-redonda, entrevista, monólogo...

Todos esses formatos podem inspirar a produção de novos podcasts que falem de ciências humanas ou com elas. Como a gente viu, dá para juntar rigor e acessibilidade num produto como esse.

Mas fazer um podcast não é a única forma que esse tipo de produto pode ser usado num contexto de sala de aula - afinal, nem sempre existe tempo ou recursos pra isso. Por sala de aula, eu estou aqui pensando em especial no contexto de uma graduação universitária, mas essas ideias podem também ser aplicadas no ensino básico.

A análise crítica de podcasts é também um exercício útil pra quem se interessa por essa mídia, e serve inclusive como caminho pra futura criação de um produto

próprio. Afinal, conhecer melhor os podcasts que a gente se interessa ajuda na criação dos nossos.

Pra isso, existe um procedimento muito útil, que a gente pode chamar de engenharia reversa.

O nome pode soar complicado, mas é uma coisa auto-explicativa. Isso nada mais é que você desmontar um podcast, separando as peças que formam ele e notando como elas se encaixam.

Ou seja, é como que um desmanche do podcasts, se você preferir outra expressão

Pense em quais elementos sonoros existem no programa que você vai analisar:

Tem, claro, as vozes. Que podem estar articuladas num roteiro. Tem a trilha sonora, que pode incluir coisas como vinhetas de introdução e transição de blocos. Efeitos sonoros. Áudios de outros produtos de mídia, como filmes, reportagens. Dependendo do podcasts, pode haver também som ambiente e gravações na rua.

Cada uma dessas peças pode ser olhada em separado. Aliás, é até mais prático não querer entender o papel de tudo de uma vez. Quem alerta pra isso são a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel, criadoras do 37 graus. Olhando uma coisa de cada vez da pra entender melhor a forma é função que cada peça tem.

Pensa nas vozes, por exemplo. Quantas são? Existe um narrador? Existem entrevistados ou personagens? Se sim, como eles surgem, por quanto tempo às vozes deles ficam continuamente no ar? Quem são essas pessoas e porque elas foram escolhidas?

Nota que aí eu estou falando mais de questões de estrutura e composição do roteiro. Mas dá pra pensar em aspectos mais técnicos da edição. Como esses áudios parecem ter sido captados, ou seja, de que forma isso elas foram gravadas? Como o barulho de ambientes é tratado? Ele aparece e é incorporado,

ou não? Alguma voz te parece soar robótica, metálica, como se fosse gravada num banheiro?

Enfim, pra cada peça um monte de perguntas são possíveis, mas sempre da pra partir de algumas mais gerais: o que é isso? O que isso está fazendo aqui, ou por quê isso está aqui?

### *Fichamento e checagem*

Se a engenharia reversa, ou o desmanche é uma forma de separar todas as peças do podcast, a gente também pode se concentrar de forma mais detalhada pro texto de alguma série ou episódio. E a partir daí fazer um fichamento.

Se é um podcast narrativo, como o roteiro de estrutura? Como é colocada pergunta ou problema que guia o episódio e quais movimentos fazem isso se desenvolver.

Se é um podcast de entrevista, também pode existir um roteiro, ou uma divisão de blocos. Ou uma evolução de temas que a entrevista vai abordando.

Dá inclusive pra fazer um trabalho de checagem. Nesse caso, importa perguntar quais fontes sustentam aquilo que é dito ou mesmo se aquilo que um podcast diz se sustenta nas fontes que ele usa.

Lembra do 1619, o podcast no New York Times que inspirou o Projeto Querino? Essa história de checagem inclusive virou tema de controvérsia por lá.

Só pra lembrar, o 1619 reconta a história dos Estados Unidos tomando a data de chegada do primeiro navio com escravizados - o ano de 1619 - como o momento de fundação do país.

O projeto foi contestado por vários historiadores e entidades conservadoras - teve até um historiador que lançou um livro, chamado 1620, que se propõe a ser uma resposta contra a leitura da história feita pelo 1619.

Mas uma das críticas veio de uma das checadoras do próprio projeto.

Segundo a Leslie Harris, o ensaio de apresentação do 1619 tinha uma afirmação equivocada. A primeira versão publicada desse texto dava a entender que a principal motivação de todos os colonos americanos pra lutar pela independência foi a intenção de proteger a instituição da escravidão.<sup>6</sup>

A Leslie Harris disse num texto pro site Politico ter contestado essa afirmação e também a caracterização dos primeiros tempos da escravidão feita no ensaio inaugural do 1619.<sup>7</sup> Mas o Times ignorou essas ponderações.

O jornal acabou fazendo uma correção no ensaio original e publicando um texto a respeito, reformulando a afirmação contestada pela checadora. Na nova versão, a frase passou a dizer que a manutenção da escravidão foi a motivação de alguns colonos lutarem pela independência.

Esse caso - como a própria Harris faz questão de ressaltar - não tira os méritos do 1619. O projeto resgatou a importância dos afro-americanos e da questão racial na formação dos Estados Unidos, uma posição historiográfica que é sustentada por uma série de novos acadêmicos.

Mas ele mostra como um trabalho como esse pode ser objeto de leituras críticas. Esse tipo de análise é um exercício que pode ser aplicado a qualquer podcast que fale de ciências. Como é a sustentação das teses que o podcast faz? Até que ponto os sacrifícios na precisão conceitual são admissíveis? Como o programa faz uso das fontes que escolhe? Essas são formas de se fazer uma escuta analítica.

---

<sup>6</sup> [www.nytimes.com/interactive/2019/08/14/magazine/black-history-american-democracy](https://www.nytimes.com/interactive/2019/08/14/magazine/black-history-american-democracy)

<sup>7</sup> <https://www.politico.com/news/magazine/2020/03/06/1619-project-new-york-times-mistake-122248>

Uma repercussão tamanha como a do 1619 é algo raro, mas mesmo as próprias controvérsias que surgem na recepção de um podcast podem ser alvo de análise. Quais críticas razoáveis o projeto recebeu além dessa da checadora? O que essas outras leituras disputam e de onde elas vêm?

\* \* \*

Atividades como a engenharia reversa ou a escuta analítica são recursos úteis pra se compreender como podcasts são feitos. E acho que isso também contribui pra aprimorar a crítica a essas produções.

A existência de podcasts não é mais algo surpreendente, nem mesmo a de podcasts de divulgação científica.

Essa mídia já amadureceu e se disseminou bastante no Brasil e arrisco dizer que, com isso, a tolerância e o interesse por produções precárias diminua. Inclusive pelo fato de que com a quantidade de novos programas sendo feitos a todo instante, cada vez será mais difícil alguém parar pra ouvir o seu.

De qualquer modo, a gente ainda tem visto essa mídia crescer, com produções novas, de fôlego, com formatos variados surgindo a todo instante. Ou mesmo produções tradicionais se aprimorando tecnicamente.

Talvez a gente ainda ouça - eu pelo menos espero que sim - que mais esse é o ano do podcast no Brasil. Que bom. Se os ouvintes e o número de produções segue aumentando, então existe interesse e margem pra fazer mais e melhor.

Os quatro anos passados mostraram de maneira bem... eloquente, digamos, que o discurso científico e o jornalístico com interesse público e comprometidos com boas práticas podem ser tratados como se nada tivessem a dizer.

Mas mesmo que a gente saiba que tem sim algo a dizer, essa descredibilização feita ativamente por um governo e por boa parte da sociedade deixa uma

pergunta incômoda pra quem está nos lugares que produz ciência e jornalismo: por que não nos ouvem?

Não são podcasts que vão salvar as ciências humanas de serem estigmatizadas como inúteis nem o jornalismo de ser trocado por mentiras convenientes. Mas a produção dessa ou de qualquer outra mídia é uma forma de disputar espaços de discurso - e forças reacionárias têm mostrado ter recursos para ocupar esse terreno.

Eu termino esse trabalho em 2023. Descobri em 2016, nessa graduação em jornalismo, o que podcasts são. Aqui aprendi o básico para fazer minhas primeiras gravações, cortes e edições. Hoje trabalho com isso, e tenho uma ligeira esperança de que possa ser assim que minha vida nessa profissão continue.

Me anima ver mais gente falando disso, ouvindo isso e fazendo isso mais, no Brasil, em português. De formas cada vez mais diversas.

Porque apesar de esse ser o tempo dos vídeos curtos e dos cortes rápidos, de a gente ter percebido a atenção como mercadoria, é que ela é vendida por muito pouco, há muita gente interessada em conteúdo acessível e rigoroso, não necessariamente breve nem instantâneo.

E fechando nesse tom de otimismo, que pode soar um pouco incauto, eu prefiro não falar sozinho. Então vou encerrar com uma reflexão do Gilberto Porcidônio, um dos jornalistas que trabalhou na checagem e pesquisa do Querino que fala um pouco sobre um mundo que eu gosto de imaginar.

***Gilberto Porcidonio:** todo mundo fala sobre a atenção, sobre a capacidade de estar perdendo percepção da atenção, a capacidade de prestar atenção nas coisas, de manter nosso foco, e acho que isso gerou também um outro lado: as pessoas estão querendo prestar atenção nas coisas, está tendo uma demanda por algo que você precisa se dedicar, dedicar seu tempo para isso. Então, acaba que eu acho que os jornalistas, os cientistas sociais, os*

*acadêmicos, os produtores de conteúdo, se a gente pensar, somos todos operários do tempo, a gente não está só resgatando histórias, ou apontando futurizações, ou falando do presente, a gente está também pedindo um pouco de tempo para as pessoas, você entendeu um pouquinho, dê um pouco do seu tempo para eu te mostrar uma coisa aqui rapidinho?*

## **Agradecimentos**

Esse foi o Projeto Humanas. Eu agradeço muito se você me ouviu até aqui. Se você caiu meio por acaso nesse episódio, dá uma chance pros outros também.

Apesar de eu ter falado meio que sozinho aqui, não foi sozinho que fiz esse trabalho. Eu queria agradecer primeiro ao professor Victor Blotta, que aceitou me orientar nesse trajeto com muita abertura.

Obrigado também, sempre, aos amigos de universidade. Aos companheiros de filosofia com quem eu sigo junto em meio aos tantos caminhos que cada um de nós foi seguindo desde os tempos de Unicamp.

Ao pessoal do meu ano em jornalismo - a turma de 2016 aqui na Universidade de São Paulo - que me ajudou mais de uma vez a lembrar o que eu poderia encontrar aqui. E uma menção especial ao Rodrigo Bruccolli, que disse a frase que virou pra mim a melhor chave de leitura que eu poderia ter sobre esse curso: nós estamos aqui pra criar disposições.

Obrigado também ao professor Marcos Nobre, que me orientou em muito mais do que os estudos em filosofia. E a todo o pessoal do Mecila, o centro Maria Sibylla Merian de estudos avançados em convivialidade e desigualdade, que me deu a abertura de também desenvolver ali um trabalho em podcasts.

Ao pessoal da editoria de podcasts da Folha de São Paulo, onde aprendi como rigor, precisão e agilidade podem correr juntos.

A meus pais, que estão entendendo o que um podcast é.

E à Stella, ouvinte dessa e de tantas outras coisas mais.

Até mais ouvir.